

1.

Ao analisarmos o termo “fronteira”, devemos evidentemente saber tratar-se de algo móvel e em andamento, importante, inclusive, para nós que estudamos a mestiçagem e o barroco. Isso é relevante também para quem escreve um texto qualquer. Quando se escreve, a palavra é às vezes colocada com muita ênfase, como se ela tivesse muita fixidez, pouca mobilidade. Por isso escrever é difícil, é complicado evitar isso, e devemos estar atentos a essa questão sempre que escrevemos.

Havia uma pichação numa parede branca em Piracicaba: “A cada dia que passa te amo mais”. Essa frase pode ter sido escrita por alguém que quisesse dar um recado para a namorada, ou por alguém que havia se separado da namorada, ou do namorado, ou mesmo por alguém que só queria enviar um recado para a cidade. Talvez a frase fosse para a mãe do autor. Enfim, o problema é que se tratava de uma informação redundante. Contudo, em um momento qualquer, alguém, ao passar pelo local, resolveu pichar, antes de AMO, a letra L, e entre o M e o O, a letra B, causando uma flutuação no sentido da oração: “amo-lambo, amo-lambo, amo-lambo”. Quem ama, também lambe. As pessoas amam porque lambem e lambem porque amam. Então, percebe-se que a nova inscrição deixou o texto mais interessante, devido ao aspecto paródico e ao aumento da informação.

2.

Em relação às nossas discussões sobre as plantas, podemos estudar as ideias de Burle Marx. A criação de um jardim como artifício, mas um jardim distante da natureza, do que entendemos por natureza, ainda que utilizando-se “mato brasileiro”, mas elevando esse “mato” à categoria de planta exótica, ou desejável, ou paisagística. Porém, essa natureza que estamos mencionando é diferente, é outra coisa, não é exatamente de plantas que estamos falando, mas de algo que envolve outras formas de pensar a relação do humano com o meio natural. Para tal relação, inclusive, não é preciso falar, escrever ou mencionar a natureza, ainda que seja comum que ela desperte grande interesse em artistas de teatro, cinema, televisão, poetas, escritores em geral. Veja, nunca se soube, por exemplo, que Haroldo e Augusto de Campos estivessem especialmente interessados em plantas e bichos. De outro lado, há uma tradição relacionada ao poeta Manoel de Barros que vê as palavras mais ligadas às coisas, concebendo, por exemplo, que uma árvore rodeada por animais pode não ser *necessariamente* um retrato da natureza, como algo separado da cultura humana. Porque, de acordo com essa visão, animais e plantas estão ligados aos objetos de todo dia. Essa tradição, no entanto, é menos reconhecida, porque ela não representa e não possui uma ligação mais estreita com o pensamento ocidental, com a tradição centro-europeia, que deu grandes nomes à literatura, não há dúvida. Tal problema ainda hoje não foi resolvido. Há autores na América Latina que conseguiram, de uma maneira até muito interessante, lidar com essa relação entre coisas, natureza, cultura. Não se trata, evidente, de um desprezo pelas grandes vanguardas europeias: isso seria uma postura opositiva e, portanto, fácil, ressentida. Trata-se, sim, de perceber que a atitude criativa de figuras importantíssimas como Maiakovski, James Joyce, T. S. Eliot etc. não necessariamente devem ser semelhantes à nossa atitude criativa. Todavia, há uma tendência dominante na inteligência nacional a considerar, ainda hoje, que os grandes artistas, os grandes poetas, são aqueles que optaram pelo experimentalismo a partir da chamada crise da linguagem e do mal-estar civilizatório típico do século XX europeu, justamente relacionado à falência dos modos de viver, conhecer e se relacionar. Mas esse é

um problema europeu e não latino-americano. Esse não é um problema de quem vive cercado de matagal.